

FUTSAL PARA TODOS: O PAPEL DA TÉCNICA NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Flávio Roberto Vieira Pereira¹

Silvio Henrique Vilela²

¹ Aluno do curso de Educação Física – Bacharelado do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA.

² Doutorando em Educação pela UERJ é Professor e Coordenador dos Cursos de Educação Física do UniFOA.

RESUMO

O presente trabalho discute, através da fala de diversos autores, a importância do ensino das técnicas do futsal. Através dos capítulos escritos no presente texto realizamos um diálogo que nos permite compreender melhor o processo de desenvolvimento motor e psicomotor da criança, e como o ensino da técnica vem contribuir para a inclusão dos alunos menos habilidosos anteriormente excluídos dos jogos e brincadeiras. Trabalhamos com crianças de 7 a 10 anos em razão das fases de desenvolvimento e maturação que se encontram. O trabalho conclui retirando o rótulo de vilão do aprendizado das técnicas e mostrando que ele, se trabalhado com responsabilidade é um grande aliado no processo de inclusão dos menos habilidosos não somente no futsal, mas em todos os desportos modernos.

Palavras-chave: Técnica; futsal; habilidade; inclusão.

ABSTRACT

This project discusses about statements from many authors the importance of indoor soccer techniques teaching. Throughout chapters written in the present text, fulfills a dialogue for a better understanding of the process for motor development psycho motor of children, and how technique teaching contributes for the inclusion of those who doesn't have any skills, the ones who had been left aside of games and plays for not having any skills at all. We work with 7 – 10 year old children due their development and their maturation. The work aims on removing the "Bad" label from learning of techniques and showing that, if working with responsibility there will be a big ally on the process of inclusion of non-skilled, not only in indoor soccer, but also in all modern sports.

Key Words: Technical. futsal; skill; inclusion.

1 INTRODUÇÃO – BATENDO UMA BOLA

Para iniciarmos nosso trabalho utilizamos de uma situação hipotética, onde ilustramos através de uma pequena história o seguinte fato: Flavinho, 10 anos de idade, é um garoto tímido que escolheu o futsal para ser seu esporte. Ele treina duas vezes por semana com vários colegas de sua faixa etária na escolinha do clube e participa dos jogos que são orientados pelo seu professor. Flavinho não demonstra habilidade com a bola, mas joga “da sua maneira”.

Porém, fora das aulas de futsal do clube, Flavinho não consegue participar de uma simples “pelada”, ou seja, de um jogo de futsal informal com os outros meninos de sua idade. Sempre é o último a ser escolhido e, quando joga, quase nunca toca na bola. Isso acontece porque não recebe passes dos colegas ou porque não consegue tomar a bola dos adversários. Com isso ele fica apenas correndo de um lado para o outro sem participar da dinâmica do jogo. Por isso, nesse momento, ele está sentado num banco do pátio da sua escola vendo os seus colegas praticar aquele esporte que ele tanto gosta.

Por que este menino não consegue interagir com seus colegas na prática desse esporte fora da escolinha? Por que ele é sempre o último a ser escolhido? Por que ele é discriminado durante o jogo? O que falta para que Flavinho realmente aprenda a jogar? Essas são questões de relevância para discutirmos este trabalho que vem analisar o aprendizado das técnicas como meio de inclusão dos alunos menos habilidosos no futsal.

Para a construção desse trabalho partimos do pressuposto de que o ensino das técnicas específicas do desporto não é recomendado em determinada fase de aprendizagem. E isso acontece por vários motivos que passam pela dificuldade do jovem atleta no desenvolvimento do jogo, pelo excelente desempenho dos colegas que conduzem o grupo quase sempre a uma queima de etapas, ou pela falta de reconhecimento da importância por parte do professor/técnico desse aprendizado. Em relação ao trabalho desses profissionais dialogamos com alguns autores a este respeito, como por exemplo Santana (2006, p. 9), que se referindo ao início das escolinhas de futsal afirmou que: “Suponho que por conta da ausência de especialistas em pedagogia do esporte, muitos equívocos foram cometidos nessa época”. Este trabalho se propõe a discutir somente uma ponta desse iceberg: a inserção do ensino da técnica de maneira “suave”, mas como fator preponderante na inserção dos menos habilidosos no mundo do futsal.

Para apoio no diálogo e na defesa do aprendizado da técnica nos remetemos a Stigger & Lovisolo (2009, p.136) que são categóricos ao afirmarem: “Consideramos em nossas observações, evidentemente, a técnica como meio propriamente dito, fundamental para o esporte e para várias das nossas atividades cotidianas”. A técnica e seu aprendizado são fundamentais para o sucesso de qualquer empreitada, e a prática esportiva não está excluída dessa afirmação.

Quanto aos jovens atletas que demonstram muita habilidade desde cedo, um problema que os persegue é o que chamamos de “queima de etapas”, ou seja, o técnico, ansioso por resultados, desconsidera a necessidade de vivências psicomotoras básicas na faixa etária na qual ele se encontra e avança em direção à prática do jogo em situações táticas. A partir dessa falta de conhecimento por parte dos que ensinam o futsal, outro problema teima em aparecer: o de relacionar “pequenas crianças a adultos em miniatura” (CLAPAREDE *apud* WEINECK, 2005, p. 246). Defendemos o respeito às fases de desenvolvimento da criança em sua iniciação esportiva.

O trabalho encontra como problemática a exclusão dos alunos menos habilidosos dos jogos de futsal, esporte de relevância nacional pelo grande número de praticantes no país, sejam eles competitivos ou não. No presente trabalho analisamos a fala de diversos autores que colaboram com uma nova perspectiva de ensino do futsal utilizando o aprendizado da técnica sem “peso na consciência”.

Por outro lado, sabemos da existência de várias obras que criticam o uso da técnica por a relacionarem com “uma forma de domínio do corpo e de suas expressões, relacionando-se assim com a ordem econômico-social capitalista” (STIGGER & LOVISOLO, 2009, p.136). Somos defensores, porém, do aprendizado da técnica como forma de facilitar a prática do esporte aos alunos menos habilidosos, contribuindo assim para a sua inclusão na prática deste mesmo esporte.

A partir dessa análise podemos sugerir então o uso da técnica, tão questionada por alguns autores, como forma de inclusão dos alunos menos habilidosos? É essa pergunta que norteia o desenrolar desse trabalho.

Mas apontamos desde já que nos identificamos com Kunz (1994, p.47) quando este se posiciona como “um professor de educação física com preocupações pedagógicas sobre a infância e o esporte”. Este é também o nosso posicionamento por entender o ensino do esporte como uma prática pedagógica com objetivo de desenvolvimento da criança, esteja ela dentro ou fora do espaço formal de ensino (escola). Assim, o trabalho do professor de

educação física na escola não diverge muito do trabalho do profissional de educação física na escolinha de qualquer desporto? Porque teoricamente ambos estão preocupados com o desenvolvimento e o prazer da criança ao praticar o desporto.

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão de leituras que se confrontam e dialogam com o foco no tema proposto que é o ensino de futsal para crianças dos 7 aos 10 anos. Pretendemos que a partir dessa discussão, possa se estabelecer uma nova perspectiva para o ensino desse desporto. Segundo Cervo e Bervian (1996, p. 48), a pesquisa bibliográfica permite “recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura uma resposta”.

2 ACABOU A VÁRZEA, E AGORA?

Quando ouvimos a frase “vamos bater uma pelada” o que vem em nossa mente? Jogar bola, futsal, ir para um campo de terra batida, colocar duas balizas feitas de chinelo na rua. Nossos avôs, pais, tios batiam essa “pelada”, possivelmente em maioria das vezes nesses locais citados. Portanto, ao pensarmos nisso nos perguntamos onde foram parar esses espaços?

Há alguns anos atrás quando nossos pais praticavam o futsal, os locais não eram os mesmos de hoje. Santana (2006, p.9) descreve “Há algum tempo era difícil imaginar o que se vê atualmente na iniciação do futsal: escolinhas, professores.” Se perguntarmos aos nossos pais e familiares, talvez nenhum deles tenha tido a vivência de participar de uma escolinha de iniciação desportiva, ou teve algum professor. Podemos dizer que naquela época o professor era a rua, os buracos, os desníveis da terra batida. Era a escola da rua que imperava e as competições não eram pela busca de medalhas, mas sim pelo prazer de não sair do jogo. Os treinos eram durante o jogo que às vezes durava um dia inteiro. O mesmo autor conclui como era o futebol de antigamente praticado pelos nossos pais nas ruas, becos, vielas, em qualquer espaço onde a bola pudesse rolar, certamente desobrigados de horários de treinos, competições oficiais e do ensino sistematizado que agora vemos nas escolinhas.

Podemos nos perguntar como saíram tantos craques no passado sem as escolinhas, com eram tão habilidosos, possuíam tamanha técnica se nem ao menos eram treinados, se

não tinham professores. Certamente ao pensarmos dessa maneira podemos achar que o jogo era jogar por jogar, que não se cercava de aspectos educativos imperceptíveis talvez pelo seu caráter lúdico.

Na rua, o ambiente é essencialmente lúdico. Acontecem brincadeiras. Sou até capaz de relacionar algumas – a disputa, o bobinho, a vingança, a pelada, o gol a gol -, pois fui um dos que aprenderam com a bola nos pés (SANTANA, 2006, p.9).

Como explicação para esse fato, vamos utilizar o exemplo de duas dessas brincadeiras. Primeiro o jogo de bobinho, que consiste em um grupo de pessoas em círculo onde um dos participantes se posiciona no centro tentando obter a posse da bola; os demais participantes trocam passes rápidos ou lentos dependendo da regra colocada pelo grupo, se o passe tem que ser feito de “primeira” sem a possibilidade de domínio da bola ou se poder realizar a recepção e o domínio da mesma. Bem, entendendo a dinâmica do jogo podemos então dizer que ele trabalha ao menos dois fundamentos presentes no futsal, o passe e a recepção. Isso sem contar as habilidades psicomotoras equilíbrio dinâmico e estático, agilidade, noção espaço-temporal entre outras. No jogo do gol a gol quantos chutes eram realizados de um lado a outro, quantas repetições desse ato foram feitas, o prazer de fazer um gol deixar o colega no bobo fazia com que as crianças daquela época ficassem horas e horas jogando, brincando e sem que soubessem treinando. Nada mais era do que treinar a técnica do esporte sem que se percebessem. Podemos até relacionar essas brincadeiras a um circuito onde a cada momento que a brincadeira mudava era uma nova técnica a ser treinada.

Num primeiro momento de transição da “pelada” para o treinamento, os clubes passaram a substituir a várzea, e a brincadeira passou a ser “controlada” por leigos que, muitos vindos com o conhecimento apenas da experiência, não tinham a competência para conduzir um trabalho de tamanha envergadura pedagógica.

Diferentemente de hoje, nas décadas de 1970 e 1980, eram poucas *escolinhas* de futsal. Algumas crianças eram convidadas a jogar futebol de salão (assim chamado na época) nos clubes. Não se tratava de uma escola. Muitos dos que propuseram a treinar as crianças sequer professores eram, mais sim abnegados. Devotados ao esporte. Suponho que por conta da ausência de especialistas em pedagogia do esporte, muitos equívocos foram cometidos nessa época (SANTANA, 2004, p. 9.).

Hoje, no entanto, com a regulamentação do trabalho do profissional de educação física enquanto profissão, o conhecimento na área cresceu quantitativa e qualitativamente evitando equívocos grosseiros em relação a pedagogia específica do desporto.

3 A TÉCNICA... EM TUDO

O conceito de técnica é algo que devemos tratar com muita atenção, uma vez que sua utilização embasa toda a discussão desse trabalho. Stigger & Lovisolo (2009, p. 136) são categóricos ao afirmarem a importância da técnica não somente para a prática do esporte, mas para um número impensável de atividades praticadas pelo homem: “Considero em minhas observações, evidentemente, a técnica como meio propriamente dito, fundamental para o esporte e para varias das nossas atividades cotidianas.” A necessidade da técnica está presente em várias ações do nosso cotidiano, do preparo do café até o passar uma peça de roupa ou da troca de fraldas dos filhos; do preenchimento de uma declaração de imposto ou de nota fiscal; da digitação de qualquer documento etc.

Utilizaremos o conceito apresentado pelos autores supracitados (2009, p.145) para sustentar nossa tarefa. Nesse sentido ele conceitua técnica genericamente como “movimentos aprendidos para realizar fins”. Percebemos assim a amplitude do que chamamos de técnica.

Sabemos, no entanto, da existência de várias obras que criticam o uso da técnica por a relacionarem com “uma forma de domínio do corpo e de suas expressões, relacionando-se assim com a ordem econômico-social capitalista” (Ibid, 2009, p.136). Percebemos, no entanto o ensino da técnica como forma de ensinar o esporte aos alunos de modo que eles possam praticá-lo sem preconceito seja no clube, na escola ou ate mesmo nas ruas. Ela está diretamente ligada ao desenvolvimento do corpo e de suas possibilidades.

Então, quanto ao conceito de técnica ligada ao desporto, destacamos dois fatores primordiais que se relacionam intimamente a ela: as habilidades motoras e psicomotoras, para isso:

Ao falarmos na relação da criança com a iniciação desportiva, não podemos esquecer que seu desempenho técnico de uma criança está diretamente ligado as suas possibilidades motoras, ou seja, para exercer total domínio

sobre as técnicas individuais de um desporto, faz-se necessário que a criança tenha total domínio sobre seus movimentos (LUCENA, 1994, p.3).

A partir dessa fala adentraremos nessa combinação de fatores que explicam a importância do aprendizado e uso da técnica.

3.1 Habilidades motoras e psicomotoras

Para que se possa desenvolver a técnica do desporto com os alunos, devemos atentar previamente a dois aspectos, motores e psicomotores, pois através deles é que o aluno irá conseguir compreender realizar e modificar a técnica a ser ensinada. O problema é que, geralmente ao se realizar uma iniciação não se dá tanta importância a esse tipo de trabalho, não se percebe a necessidade do aluno em desenvolver certas capacidades físicas que o levarão futuramente ao aprendizado da técnica.

Como bem sabemos o futsal engloba uma série de fatores que possibilitam a sua prática em baixo, médio e alto nível podendo ser trabalhados ao longo dos anos. Dedicamos esse trecho do trabalho para conceituar e explicar o que se trata por habilidades motoras e psicomotoras. Para isso, citamos os conceitos utilizados por Costa (2007, p. 41), quando se afirma que “Para que os alunos possam se desenvolver, não deverá preocupar-se em desenvolver apenas determinadas habilidades; devem antes de tudo, procurar manter um equilíbrio.” No mesmo texto, o autor classifica como habilidades motoras necessárias ao atleta de futsal: força explosiva, agilidade, flexibilidade, alongamento, equilíbrio estático e dinâmico, resistência muscular localizada e como habilidades psicomotoras importantes: velocidade de reação, velocidade de deslocamento, coordenação psicomotora, percepção espaço temporal, ritmo, descontração diferencial parcial ou total.

3.2 A técnica no ensino do futsal

Partimos do pressuposto de que as técnicas não são privilegiadas no processo de aprendizagem do desporto, e isso acontece por motivos variados, que passam pela dificuldade do jovem atleta, pelo excelente desempenho dos colegas, ou por falta de reconhecimento de sua necessidade por parte do professor/técnico.

Um dos problemas que persegue os jovens atletas desde cedo é o que chamamos de “queima de etapas”. Na “queima de etapas”, o técnico, ansioso por resultados, desconsidera a necessidade de vivências psicomotoras básicas na faixa etária que em que seu aluno se encontra, e promove o aprendizado de movimentos complexos sem a devida “base” para isso. Com isso outro problema teima em aparecer: o de relacionar pequenas crianças a adultos em miniatura

Nesse sentido, a criança, no ensino do futsal aplicado nos dias atuais, é privada de uma enorme variedade de vivências motora, cognitiva e social. Ressaltamos que a faixa etária abordada nesse trabalho é dos 7 aos 10 anos de idade, onde o aluno necessita de maior número possível de experiências motoras. Por isso não devemos trabalhar de forma uniforme, a criança não deve se tornar um especialista em defender ou atacar.

A criança não é uma miniatura do adulto e sua mentalidade não é só quantitativa, mas também qualitativamente diferente da do adulto, de modo que a criança não é só menor, mas também diferente. (CLAPARED *apud* WEINECK, 2005, p.246.)

Esta deve ter a possibilidade de experimentar uma gama ampla de possibilidades de aprender diferentes formas de realizar ataques e defesas. Ao contrário do adulto, ela deve aprender a técnica não para se especializar, mas para ampliar o seu repertório motor. Para compreender o que é a técnica do futsal devemos nos atentar que ela é diferente das habilidades motoras e de fundamentos apesar de estarem interligadas. Para que ocorra o aprendizado da técnica é necessário que tenha ocorrido uma serie de experimentações motoras assim como para que ocorra o aprendizado do fundamento é necessário que se saiba o que é técnica do futsal. Buscamos Barbanti *apud* Barbieri (2009, p.38), que a descreve da seguinte maneira: “são habilidades executadas racionalmente com base na biomecânica, adaptando a coordenação, precisão, ritmo, leveza e facilidade dos movimentos a um mecanismo individual (individualidade).”

Os fundamentos nada mais são do que as ações técnicas com alguma finalidade específica. Segundo Lucena (1994), no futsal os fundamentos são os seguintes: passe, recepção, condução, drible, chute, marcação, empunhaduras, defesas baixas, defesas altas, arremessos e saídas de gol todas essas técnicas individuais/fundamentos fazem parte do jogo de futsal.

Devemos nos atentar para o detalhe de que antes de se ensinar a técnica é necessário priorizar o desenvolvimento das habilidades motoras dos alunos, pois a partir delas é que o mesmo será capaz de manter um controle motor propício ao aprendizado das diferentes técnicas do futsal.

Recomendamos que, para o aprendizado das técnicas do futsal, os alunos vivenciem todas as técnicas possíveis independentemente da posição que pretendem defender em seu time, criando assim um aprendizado repleto de várias experiências. Para uma defesa com essa gama de variações, podemos lembrar a situação atual e cada vez mais presente no futsal de alto nível, o trabalho do goleiro/linha, que é um jogador precioso para sua equipe. Embora não seja nosso objetivo formar craques, utilizamos este exemplo para enfatizar a necessidade do ensino da técnica na iniciação do futsal. Quanto à relação da técnica, a tarefa motora específica e um bom repertório motor:

A valorização da técnica decorre precisamente do fato de só poder haver especialização quando o praticante se apropria do repertório de instrumentos que são eficientes para a resolução de uma tarefa motora específica. (MACHADO, 2009, p. 217).

Entendemos assim que a técnica específica do futsal só passa a ser aprimorada a partir de um repertório de vivências motoras adquirido pelo seu praticante.

3.3 Treinamento especializado precoce (TEP)

Assim sendo, a primeira pergunta que se deve fazer é qual a responsabilidade pedagógica com a iniciação de jovens, crianças e adolescentes, na prática do esporte de rendimento com o objetivo de participar sistematicamente de treinamentos e competições esportivas? (KUNZ, 2004, p. 49.)

Conforme já mencionado por Kunz, o treinamento especializado precoce (TEP) é o resultado de participação sistemática em treinos de uma mesma modalidade, competições com o objetivo de alto rendimento, no nosso caso o alto rendimento no futsal. O TEP é marcado por algumas características como aprendizado de um único desporto e também como o aprendizado acelerado de técnicas e táticas desse desporto. (Barbanti *apud* Machado, 2003).

Como percebemos até agora, o aprendizado das técnicas do futsal é possível desde que se guardem alguns cuidados básicos. Porém, quando se trata de TEP, o ensino da técnica é feito de forma acelerada objetivando apenas o resultado final. Com isso, a sequência de trabalho e o tempo necessário de amadurecimento não são respeitados, provocando o que chamamos de “queima de etapas”. O TEP traz inúmeros prejuízos àquelas crianças submetidas a ele. Entre eles o estresse da competição, saturação esportiva, lesões, formação escolar deficiente e, possivelmente, o pior malefício, a defasagem do aprendizado do desporto. Segundo (Machado, 2008):

Porém além do desgaste psicológico, a especialização precoce no futebol e futsal causa prejuízos técnicos, táticos e fisiológicos. Sendo assim, um primeiro decréscimo causado pela especialização precoce seria a diminuição da habilidade, pois ocorre um aprendizado menos global do que o necessário, sendo que o jogador apenas desenvolve alguns atributos que são necessários durante o jogo, que posteriormente trará dificuldades durante a partida. (MACHADO, 2008, p.217).

Sendo assim, o TEP tira do aluno a possibilidade de vivências motoras e do aprendizado da técnica que futuramente será um problema a ele quando entrar na fase de treinos mais voltados ao rendimento esta defasagem do pode lhe tirar a chance de ter um futuro no desporto.

Em relação ao aprendizado da tática é importante lembrar que ela depende do pleno domínio da técnica para que ela se desenvolva plenamente durante o jogo. O uso de sistemas táticos e jogadas ensaiadas só consegue ser aplicadas com sucesso se o aluno tiver as técnicas do jogo aprendidas.

Segundo Machado (2008), desde o início do aprendizado prático do futsal que ocorre geralmente dos 4 aos 12 anos, é comum colocar os iniciantes em competições e treinamentos sistemáticos similares aos adultos. O autor também afirma que são poucos os

lugares que respeitam o processo maturacional e de desenvolvimento da criança ou do adolescente.

Para entender melhor o desenvolvimento do aluno em sua faixa etária utilizaremos as características da faixa etária escolhida para o trabalho de 7 a 10 anos, apoiado em Barbieri (2009, p. 146), que descreve como características dessa faixa etária:

diminuição no ritmo de crescimento; interesses diferentes entre meninos e meninas; dificuldades na coordenação; lento tempo de reação; baixo nível de resistência aeróbia, ótimo mecanismo perceptivo-visual; habilidades fundamentais desenvolvidas; baixo nível de atenção; grande criatividade; dificuldade em raciocínio abstrato; dificuldades com atividades envolvendo grandes grupos; dificuldade em lidar com a derrota.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exclusão dos menos habilidosos da prática do futsal não somente enquanto esporte no sentido estrito, mas também de sua prática como instrumento de inserção social foi uma presença constante no trabalho. A falta de qualificação por parte de alguns dos profissionais envolvidos no ensino do futsal e a ansiedade por parte destes em formar craques e conquistar competições, se fundamentou como grandes responsáveis pela exclusão dos alunos menos habilidosos na prática do futsal enquanto esporte no sentido estrito. Nota-se também uma dificuldade de inserção da criança na construção da sua vida social ligada a deficiência no domínio das habilidades esportivas.

Percebe-se através do estudo feito que o domínio da técnica do futsal se torna fator fundamental no processo de reversão dessa exclusão, e que para obter sucesso no aprendizado do futsal é necessário que se tenha uma boa experiência motora e um bom aprendizado técnico. Quando a criança cumpre o ciclo de aprendizado da forma correta melhora o seu domínio do desporto e aumenta sua possibilidade de inclusão junto aos mais habilidosos. Ou seja, o aprendizado da técnica aproxima os alunos a partir do momento em que possibilita uma melhora na prática esportiva e uma maior aceitação de seus pares.

A progressão correta que permite o aluno ter uma vivência motora ampla que possibilita ao mesmo o sucesso no aprendizado das técnicas e fundamentos do futsal.

O ensino da técnica possibilita o nivelamento. Por maior que seja a dificuldade que o aluno possui no domínio dos fundamentos, existe um patamar confortável possível de ser alcançado, e é isso que possibilitará a sua inserção junto ao grupo dos mais habilidosos.

A partir de toda discussão ao longo do trabalho chegamos à conclusão de que o ensino da técnica é fator predominante no processo de inclusão da criança na prática do futsal proporcionando assim um “Futsal para todos” através do seu aprendizado.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Fábio Augusto. **Futsal**: conhecimentos teórico-práticos para o ensino e o treinamento. Jundiaí: Fontoura, 2009.

CERVO, Arnaldo Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

COSTA, Claiton Frazzon. **Futsal**: aprenda a ensinar. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2007.

LUCENA, Ricardo. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático - pedagógica do esporte**. 6.ed. Ijuí: Unijuí, 2004

MACHADO, Afonso Antonio (Org). **Especialização esportiva precoce**: perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Orgs). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. 7.ed. São Paulo: Manole, 2005.